

O TERREMOTO DE 1531 SEGUNDO A POESIA DE GARCIA DE RESENDE

FABIO MARIO DA SILVA*

RESUMO

Nesse artigo analisaremos as passagens da obra *Miscelânea* de Garcia de Resende que citam os fenômenos sísmicos. Daremos especial destaque às referências do autor ao terremoto de 1531 ocorrido em Portugal, bem como abordaremos os seus antecedentes, citando até um outro que posteriormente quase devastou a cidade de Lisboa em 1755. Nosso objetivo é perceber como Garcia de Resende poetiza esse tema e qual a compreensão na altura sobre as causas desses abalos sísmicos, poesia essa que serve como relato documental.

PALAVRAS-CHAVE: Terremoto; Garcia de Resende; Portugal; *Miscelânea*.

ABSTRACT

in this article, we will analyze the fragment from the miscellaneous work by Garcia de Resende that refers to the seismic phenomena. We will especially highlight to the author of the earthquake, occurred in Portugal in 1531, as well as we will approach its background, mentioning also another earthquake, that almost devastated the city of Lisbon in 1755. Our goal is to understand how Garcia de Resende poeticizes this topic and how the backgrounds of these seismic shakes were understood at that time.

KEYWORDS: Earthquake; Garcia de Resende; Portugal, Miscellaneous work.

Quando se alude aos grandes desastres sísmicos em Portugal, certamente a menção mais comum é ao terremoto de 1755, que deixou uma série de consequências traumáticas na população, bem como de um elevado número de mortes. Além disso, assistiu-se à destruição arquitetônica de importantes edifícios históricos, principalmente na cidade de Lisboa, como relata Joaquim Mendonça:

Em Lisboa foi mayor a impressão, e dizem, que seus contornos se subverterão povoações inteiras. [...] Assolou muitos lugares vizinhos, e se estendeu por mais de sessenta legoas. No mar se perderão navios com o grande movimento das suas agoas. [...]

Durau muito tempo a repetição dos movimentos da terra. Os nossos Monachas se abarracarão no campo; e o mesmo fizeram os habitantes de Lisboa, e outros. (MENDONÇA, 1757, p. 54)

Contudo, há um outro abalo sísmico, que ocorreu em 26 de janeiro de 1531, com o epicentro algures entre Azambuja e Vila Franca de Xira, sobre o qual encontramos diversos relatos históricos, entre eles, algumas passagens de *Miscelânea*, poema de Garcia de Resende publicado na obra *Crônicas de Dom João II e Miscelânea*.¹

Segundo Maria de Deus Manso, que estudou com afinco a documentação sobre o sismo de 1531, houve vários abalos premonitórios que se iniciaram a 7 de janeiro de 1531 e que obrigaram muitos habitantes a viverem em barracos a céu aberto, o que terá diminuído significativamente o número de mortos aquando do sismo principal, como revela o Arquivo Distrital de Évora (cf. MANSO, 1990, p. 20), apesar de os vários manuscritos e documentação que referem esse sismo e abalos precedentes não serem exatos em relação à sua frequência, horários e duração (cf. CORREIA, 1931, p. 5). Tais acontecimentos fizeram aumentar o número de procissões e cultos devocionais pelo país, associando-se lhes a ideia da chegada do fim dos tempos ou outras possíveis respostas sobrenaturais para tais prenúncios de catástrofe.

Veja-se que, como revela Anselmo Freire (cf. 1944, p. 281), um outro escritor conceituado na altura, Gil Vicente, escreve a D. João III narrando, indignado, o procedimento anticristão e fanático de alguns frades, que culpavam os “estrangeiros” da “nossa fé” – judeus e cristãos novos –, pelos sismos decorridos em Portugal e que seriam causados pela ira de Deus, o que assegurava que outro terremoto mais extraordinário iria ocorrer. O povo, atemorizado pelos antecedentes do grande sismo que viria, fugia para os montes e olivais para se proteger. Gil Vicente, por seu turno, dirige-se aos padres da vila na crasta de S. Francisco, na tentativa de evitar os morticínios ocorridos em 1506 por frades fanáticos em Lisboa que matavam em nome da santa fé, aconselhando-lhes da seguinte maneira:

¹ Segundo Saraiva e Lopes (2000, p. 140), na *História da Literatura Portuguesa*, a obra fora publicada em 1545 juntamente com *Crônica de D. João II*. Utilizamos para o nosso trabalho a edição da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, com prefácio de Joaquim Veríssimo Serrão, de 1991.

Concruo, virtuosos padres, sob vossa emenda, que não é de prudência dizerem-se taes causas publicamente, nem menos serviço de Deos; porque prègar não há de ser praquejar. As vilas e cidades dos reinos de Portugal, principalmente Lisboa, se hi há muitos peccados, há infindas esmolos e romarias, muitas missas e orações, e procissões, jejuns, disciplinas e infindas obras pias, públicas e secretas. E, se alguns hi há que são ainda estrangeiros na nossa fé e se consentem, devemos imaginar que se faz por ventura com tam santo zêlo, que Deos é disso muito servido; e parece mais justa virtude aos servos de Deos e seus pregadores, animar a estes e confessá-los e provocá-los, que escandalizá-los e corrê-los por contentar a desvairada opinião do vulgo. (Apud FREIRE, 1944, p. 282)

Prevendo mais uma possível catástrofe do fanatismo religioso, que tentava explicar através das punições divinas os pequenos abalos que antecederam o sismo maior e já se faziam sentir, Gil Vicente, ao receber a missiva do Rei, atenta em que não se repitam os horrores de outrora no país, como o massacre de judeus e cristão novos. Por isso, Elisa Esteves alude que o conteúdo dessa carta – ou auto, como defendem alguns críticos – surpreende, por não ser necessariamente uma “carta” sobre o tremor de terra, visto que “ela não encerra uma descrição do fenômeno ou dos seus efeitos devastadores, mas a condenação da reação de alguns perante a *tormenta*, expressa em forma de *fala* transcrita nessa Carta” (ESTEVES, 2002, p. 59).

Há, como podemos observar, sempre a tentativa de buscar várias justificativas para explicar o fenômeno. Em relação, por exemplo, ao terremoto de 1755, mais de duzentos anos mais tarde, os cronistas procuram ser mais científicos. É o que revela Joaquim Mendonça, para quem os pequenos terremotos que desencadearam o de maiores extensões estavam relacionados a cavernas cheias de matérias combustíveis, fazendo com que o fogo se comunicasse em diferentes lugares, formando novos tremores:

Se comunicação por veas subterrâneas, e formão expulsões, que levantão a terra repetida vezes, necessariamente hão de desligar algumas grandes porções da terra, as quaes com o seu natural pezo, se vão successivamente desprendendo, e desunindo, e cahem nos grandes vácuos, que o fogo fez mayores, ou formam de novo, fazendo em cada queda destas hum pequeno tremor de terra. (MENDONÇA, 1757, p. 247)

Contudo, atentemos nas observações e justificativas poéticas, religiosas e científicas que Garcia de Resende atribuiu ao sismo de 1531 na sua composição de diversos assuntos, *Miscelânea*, em cujo prólogo o autor refere que irá recolher à memória muitas e grandes coisas, boas e más: “grandes acontecimentos,/ e desvairadas mudanças/ de vidas, e de costumes,/ tantos começos, e cabos” (RESENDE, 1991, p. 336). Resende diz que vai dar conta de uma variedade de temas, distribuídos em 306 estrofes com versos de 10 sílabas métricas, além do prólogo, num relato sobre reis, reinados e aspectos de diferentes lugares (Índia, Europa, Brasil). Apresenta a obra também como um pequeno manual de cultura e comportamento de diversos povos e suas credences, enaltecendo a linhagem nobre portuguesa e o cristianismo², censurando o conflito entre as religiões, denunciando a astrologia como uma farsa e outras vilanias, perversões e vícios, relatando mudanças climáticas e a prosperidade de cidades como Évora e Lisboa, abordando até mesmo questões referentes à condição feminina (ver sobre esse tema, por exemplo, as páginas 348 a 349), entre outros assuntos.

Antes de introduzir propriamente a narrativa sobre o terremoto de 1531, Resende indica outros eventos sísmicos, como, por exemplo, na estrofe 240, um abalo na Ilha de São Miguel em 1523: “hua grande Villa inteira/ neste anno se soverteo,/ e todo o povo morreo:/ foy grã caso em grã maneira” (RESENDE, 1991 p. 317). Logo em seguida, reporta um evento anterior, um sismo ocorrido em Lisboa em 1512, dando conta do número de casas e ruas destruídas e referindo que tais acontecimentos poderiam ser desencadeadores da reflexão sobre a nossa vida e a presença de Deus nela:

Vi que em Lixboa cahio
de costa gram quantidade,
duas ruas destruhio,
duzentas casas sumio,
foy gram temor na cidade,
aquestes tremores taes,
e outros muytos signaes
vemos, sem termos lembrança

2 Apesar de ser cristão e defender os preceitos da Igreja Católica, Garcia de Resende nota que a cristianização dos povos e as lutas em prol dessa bandeira leva a trágicas consequências: “E vimos em a christandade/ mover grandíssimas guerras,/ muyto grande mortandade,/ destruydas muytas terras/ com muy grande crueldade: e tal batalha passou,/ que segundo se affirmou/ quarenta mil peresceram:/ os homens alli morreram,/ e o ódio vivo ficou [...]” (RESENDE, 1991, p. 336).

de Deos, nem fazer mudança
de nossas vidas mortaes. (RESENDE, 1991, p. 371)

Contudo, apresenta como prenúncio do sismo de 1531 dois acontecimentos específicos: a passagem de um cometa e, depois, as inundações e destruições ocorridas em Roma em 1530 e referidas da seguinte forma:

E depois disto em Roma
soo com tres dias chover
em outubro, o Tibre toma
agoa tanta, em tanta fomma,
que foy espanto de ver:
toda a cidade allagou,
ha agua dize que chegou
te os segundos sobrados,
os baixos foram lagados,
soo nos montes non tocou.

Infindas casas cahiram,
castellos todos inteiros
levados do rio viram,
edificios se sumiram,
casas, fortes, moesteyros,
e pellas ruas andavam
grandes barcas, que falvavã
a gente também com ellas:
poderam ir caravellas,
pois tam alto navegavam.

Muyta gente se sumiu;
foy muy gram destruição,
ha mor que se nunca vio
desta sorte, nem ouvio
do Tibre tal perdição:
e morreo gram quantidade
de bestas, e na cidade
se perderam vinho, e pam,
e cousas de provisam,
tudo em geralidade. (RESENDE, 1991, p. 378-379)

Todos esses acontecimentos teriam ocorrido justamente num período em que as pragas e catástrofes eram associadas aos pecados humanos, crendice que era pregada e propagada pela

Igreja e pelos leigos, pois segundo “todos dizem/ non foy cousa natural” (RESENDE, 1991, p. 379), o que teria desencadeado muitas procissões e doações de esmolas. Tal maneira de lidar com esses fenômenos da natureza e a explicação sobrenatural para tal evento catastrófico seria a melhor maneira de, por um lado, atender aos anseios da população através de uma resposta rápida e compreensível para a maioria e, por outro, aumentar o número de devoções e fiéis à Igreja e suas crenças, inflamando os sentimentos ditos mais piedosos e caridosos.

Quando se refere ao sismo de 1531 propriamente dito, Garcia nos oferece uma grande riqueza de detalhes, como o fato de ter ocorrido quinta-feira de manhã e outros pormenores:

Veyo primeiro huo rayo.
após elle huo trovão,
e gram terremoto então,
tam grande, q pos desmayo,
qual não viram, nem verão,
tal, que a todos parecia,
que o mundo se destruhia,
para nona ver mais mundo,
e que tudo era de fundo,
e ha terra se sorvetia.

Obra de huo credo durou;
se mais fora destruyra
tudo, por terra cahira,
morrera quem escapou,
há mor parte se fundira:
em huo poncto punctual
foy em todo Portugal,
na Extremadura mor,
nas outras partes menor,
que non foy todo igual.

E às septe horas do dia
foy outro tremor estranho,
que pôs medo, e covardia:
e depois do meo dia
outro, porem non tamanho;
e em outra quinta feira
ante manhã, da maneira
que foy o grande, espantoso,
foy outro muy temeroso,

outro ante a terça feira.

Deste grande ao primeiro
cicoenta dias ouve,
nos quais todos per inteiro
tremendo deu tal marteiro,
qual tegora se non soube
huo anno todo tremeo,
mas pouca cousa, e perdeo
ha gente já o temor:
aprouve a nosso Senhor
que cessou, non esqueceo. (RESENDE, 1991, p. 379)

Nesse primeiro momento, o relato tem a preocupação de referir dias e horas e de localizar o leitor espacial e geograficamente. Essa descrição se faz necessária porque o poeta quer dar especial destaque à tragédia ocorrida, e só percebendo os mecanismos e variações do sismo o leitor terá a real ideia da destruição descrita nos versos seguintes:

Gretas, buracos fazia
ha terra, e se abriu,
agua, e area sahia,
que a enxufre fedia;
isto em Almeirim se vio:
e porque logo vieram
grandes chuvas q choveram,
e alguos dias duraram,
as aberturas taparam,
que nunca mais parescerão.

Todos com medo que avião
deixarão casas, fazendas:
nos campos, placas dormião,
em tendilhões, e em tendas,
casas de ramas fazião;
as mais das noctes velando,
porque tremor non cessava:
a gente pasmada andava
com medo, morte esperando.

Dous meses assi estiverão
na mor força do inverno,
águas, ventos sosteverão,

bradando por Deos eterno:
todos logo confessados,
[...]

[...]

Muros, e torres cahiram,
villas, paços, moesteiros,
Igrejas, casas, celleiros,
quintas, e as mais abriram:
non cahiam pardieiros,
pedras se viam rachadas,
e em pedaços quebradas,
e cousas de muytas fortes,
quãto mais rijas, mais fortes,
tanto mais espedaçadas.

Hinfinda gente morreo,
grandes perdas receberam,
grande perda se perdeo;
muytos ma morte morrerão,
porque de noite esqueceo.
cousas per nossos pecados
nunca vistas dos passados
nestes regnos, nem ouvidas!
Deos nos livre nossas vidas
de casos tam desastrados. (RESENDE, 1991, p. 378-380)

Para Resende o sismo seria culpa dos nossos pecados, aparentemente numa referência ao pecado original, o infortúnio da humanidade. É preciso voltar-se a Deus, ao divino, como ato de resignação e proteção, reconhecendo nossas ações erradas, diante de tanta calamidade e mortes. Aliás, o sismo de 1531 é o penúltimo tema a ser introduzido pelo autor na *Miscelânea*, no seguimento da descrição de vários antecedentes justificados por “nosso pecado”, que não seria exclusivo de terras portuguesas. Por fim, na conclusão de sua obra, o autor reconhece que o caminho “fica aberto/ a quem mais quiser dizer” (RESENDE, 1991, p. 381), referindo que o assunto poetizado é fato verídico e que o que não pôde mais escrever foi devido a não ter descoberto mais informações relevantes.

Em suma, Garcia de Resende parte de experiências pessoais, de relatos coletados por si mesmo e por outrem, a partir de sua

formação erudita e dos privilégios que a vivência na corte lhe podiam dar. Arraigado à sua religiosidade, no entanto, não abdica do seu olhar crítico diante da sociedade através da sua sensibilidade apurada e de seu vasto conhecimento intelectual e humanístico. Resende deixa para a literatura portuguesa e fontes historiográficas em geral relatos que vão além da ficção, com a intenção de situar tanto os leitores do seu tempo quanto os posteriores sobre os grandes fatos seus contemporâneos, mesmo as mais terríveis aflições e catástrofes, pois, para o autor, a literatura, além de instruir, ficcionar e ornamentar a linguagem, teria um compromisso com a informação histórico-cultural do seu tempo. Enfim, podemos concluir que além do caráter ficcional a *Miscelânea* possui então um caráter documental que nos dá conta das grandes problemáticas enfrentadas pela sociedade portuguesa no século XVI.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CORREIA, A. A. Mendes. Terremotos antigos: o sismo de 1531 em Coimbra. Separata de: *Revista A Terra*, [S.l.], n. 1, p. 108, 1931.
- ESTEVES, Elisa Nunes, Um auto de Gil Vicente enviado em carta a D. João III. *Adágio* 34/35, Évora, v. 2, p. 58-62, 2002.
- FREIRE, Anselmo Braamcamp. *Gil Vicente: trovador mestre da Balança*. 2. ed. Lisboa: Revista "Ocidente" Editora, 1944.
- MANSO, Maria de Deus Beites. *Évora, capital de Portugal (1531-1537)*. Dissertação (Mestrado em História Moderna) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 1990. v. 1.
- MENDONÇA, Joaquim Joseph Moreira de. *História Universal dos Terremotos, que tem havido no mundo, de que era noticia, desde a sua criação até o século presente, com huma narraçam individual do terremoto de 1 de novembro de 1755, e noticia verdadeira dos seus efeitos em Lisboa, todo Portugal, Algarves e mais partes da Europa, África e América*. Lisboa: Offic. De Antonio Civente da Sylva, 1757.
- RESENDE, Garcia. *Crónica de D. João II e Miscelânea: reimpressão facsimilada da nova edição conforme a de 1758*. Prefácio de Joaquim Veríssimo Serrão. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1991.
- SAIRAVA, António José; LOPES, Óscar. *História da Literatura Portuguesa*. 17. ed. Porto: Porto Editora, 2000.

Recebido em 02/08/2017
Aprovado em 29/08/2017

